

**FACULDADE UNINA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA PATRICIA FERREIRA DAS NEVES

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: DIÁLOGO EM TEMPO DE PANDEMIA

TCC

CURITIBA

2022

ANA PATRICIA FERREIRA DAS NEVES

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: DIÁLOGO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade Unina.

Orientador: Prof. Me. Luis Gabriel Venancio Sousa

CURITIBA

2022

FACULDADE UNINA

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 04/07/2022, reuniu-se a banca para a defesa do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, do acadêmico: Ana Patricia Ferreira das Neves intitulada: **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: DIÁLOGO EM TEMPO DE PANDEMIA**. A banca examinadora, sob a presidência da Prof. Me. Luis Gabriel Venancio Souza, foi constituída pelos professores Me. Guilherme Natan Paino dos Santos e Dra. Soeli Terezinha dos Santos. Após exposição oral, o candidato foi arguido pelos componentes que analisaram o trabalho e decidiram pela sua APROVAÇÃO com a nota 95. Para constar foi lavrada a presente Ata que depois de lida e aprovada vai assinada pela presidente da banca, membros da banca e o acadêmico.

Observações:

Me. Luis Gabriel Venancio Souza

Guilherme Natan Paino dos Santos

Dra. Soeli Terezinha dos Santos

Ana Patricia Ferreira Das Neves

Curitiba 04 de 2022.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer sobretudo a Deus, que me capacitou e inspirou com sabedoria e conhecimento na escolha da profissão de pedagoga, com a missão do legado de dar destino pedagógico a vidas que transformarão nosso mundo no futuro.

Ao meu marido Valdecir Alves de Moura, meu maior incentivador e cúmplice nessa jornada.

Meus pais, Geraldo Natalino das Neves e Marta Campos das Neves, meus maiores exemplos de superação de vida. Pessoas que, com pouquíssimos recursos, migraram de suas cidades em busca de um futuro melhor para suas famílias.

As minhas colegas de classe que também me incentivaram a concluir esse curso, em especial, Patricia Miranda e Vanessa Rosa.

Agradecer ao espetacular corpo docente da Faculdade Unina, que com muita dedicação, carinho e compaixão olhou não só para minhas dificuldades, mas para a necessidade das alunas da turma Helley Abreu, um time de profissionais capacitado e extremamente dedicado em seu ofício de transformar vidas.

E, por fim, agradecer em especial ao meu amado orientador, Prof. Luís Gabriel Venancio Sousa, que prontamente se dedicou a me instruir nesse trabalho de conclusão de curso, com toda dedicação e instrução que eu necessitava, sem o qual esse trabalho não seria possível.

A educação é a arma mais poderosa que
você pode usar para mudar o mundo." —
(MANDELA, Nelson, 1993)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma discussão sobre a educação brasileira, principalmente no que tange ao trabalho do professor, durante a pandemia por Sars-Cov-2 (Covid-19), em 2020. Este período ficou marcado pela dificuldade em (re) adaptar o cenário educacional para uma nova forma viver, isto é, por isolamento social, transformando o ensino até então feito presencialmente nos espaços físicos escolares em ensino emergencial/remoto. Tendo em vista a dificuldade enfrentada pelos docentes em diferentes contextos, tais como: pedagógico, social, econômico etc., esta pesquisa tem como **objetivo geral**: Identificar quais foram as mudanças mais significativas que ocorreram na prática pedagógica de professores da educação básica? Além disso, alguns caminhos foram traçados a fim de responder ao que se propõe; para isso, teve como **objetivos específicos**: a) discutir a relação entre educação e tecnologias; b) compreender o cenário educacional durante o período pandêmico; e c) apresentar experiências de professores da educação básica, no período pandêmico. A pesquisa tem como base metodológica a concepção qualitativa interpretativista e traz como dados relatos de professores da educação básica extraídos do *site* “desafiosdaeducacao.grupoa”. Ancorada teoricamente nos estudos de Kenski (2003), Ribeiro (2020), Coscareli (2020), entre outros, a pesquisa teve como resultados apontamentos quanto a: dificuldade em domínio técnico para lidar com tecnologias digitais; superação de professores para conseguirem se adaptar ao ensino remoto/emergencial, principalmente no que tange a tecnologias digitais; as desigualdades sociais como um dos principais enfrentamentos docentes para dar acesso ao conhecimento aos estudantes.

Palavras-chave: Educação. Tecnologia. Pandemia. Ensino Remoto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. INTERFACE ENRTE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: BREVE DISCUSSÃO	15
2. EDUCAÇÃO PANDÊMICA: O CAOS?.....	20
3. O QUE DIZEM OS PROFESSORES?	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Devido à crise sanitária por Sars-Cov 19/Covid-19, que, segundo Oliveira e Azevedo (2021), foi decorrente da propagação de um vírus, no final de 2019, com proporções globais, as formas de vivermos a vida social foi transformada. Houve, em todo o mundo, isolamento e distanciamento social obrigatórios e, mais precisamente no Brasil, em 20 de março de 2020, o fechamento das escolas.

Diante desse novo cenário, surgiu a necessidade de se repensar uma metodologia de ensino-aprendizagem para atender aos estudantes que passaram a assistir às aulas de maneira remota/*on-line*. Assim, os professores e todos os envolvidos nesse processo precisaram se reinventar para dar continuidade ao calendário e ao currículo escolar de modo que não prejudicasse o conteúdo estipulado nos documentos oficiais de educação. Em um tempo curto e sem o treinamento adequado, professores de todas as etapas da educação tentaram se adequar a essa nova realidade, tão abruptamente imposta pelo momento pandêmico.

Nesse contexto e buscando compreender essa realidade posta no cenário educacional, surgiu, então, a necessidade de responder a seguinte pergunta: Como a pandemia causada por Covid-19 impactou a prática pedagógica de professores da educação básica?

Para responder à pergunta, o **objetivo geral** dessa pesquisa anseia: Identificar quais foram as mudanças mais significativas que ocorreram na prática pedagógica de professores da educação básica?

Além disso, traçamos como caminhos para a pesquisa os seguintes **objetivos específicos**: a) discutir a relação entre educação e tecnologias; b) compreender o cenário educacional durante o período pandêmico; e c) apresentar experiências de professores da educação básica, no período pandêmico.

Pelo risco de vivermos na iminência de novas crises sanitárias, essa pesquisa torna-se relevante em sua prática, já que seria prudente ter conhecimento de como se preparar e até mesmo melhorar a prática pedagógica para momentos de caos como os vivenciados entre 2020 e 2022.

O aporte teórico dessa pesquisa foi estruturado da seguinte forma: para discutir a relação entre educação e tecnologia, nos apoiaremos nos estudos de Kenski (2003). Para discutir o contexto educacional na pandemia e compreender de que forma a tecnologia digital foi utilizada em um período de pandemia e suas reais contribuições no ambiente escolar, nos inspiramos nas ideias de Ribeiro (2020).

Aliado a isso, utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa interpretativista, Denzin e Lincon, (2006, apud VENANCIO SOUSA, 2021, p. 52) afirma que esse tipo de pesquisa é o levantamento de dados que relacionam as informações levantadas de documentos, do sujeito e o ambiente em que estão inseridos, possibilitando ao pesquisador interpretar as informações levantadas, relacionando com sua própria leitura de mundo. Denzin e Lincon (2006 apud VENANCIO SOUSA, 2021, p. 52) acrescentam a essa discussão que toda pesquisa é interpretativa e ela é guiada por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado.

Outro ponto a ser destacado quanto à metodologia é o tipo a que ela se enquadra, isto é, uma pesquisa documental. Calado (2009 apud SILVA; CAMPELO) explica que

Os documentos são fontes de dados brutos para o investigador, e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos [sic] com a finalidade de lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação (p. 4).

Nesse sentido, os dados da pesquisa foram extraídos dos relatos de professores, por meio de entrevista à Revista ECOA – publicadas no site “<https://www.desafiosdaeducacao.grupoa.com.br>”, em 2021 –, em professores da educação básica descrevem como suas rotinas de trabalho foram transformadas pela pandemia da COVID19, em 2020. Para tanto, foram utilizadas 5 entrevistas como instrumentos desta pesquisa.

Contextualizada a nossa pesquisa, nas próximas seções trazemos, inicialmente, uma breve discussão da interface entre educação e tecnologia; depois, abordamos como foi a educação ao longo da pandemia; por fim, apresentamos o que os professores disseram nas entrevistas e finalizamos com as considerações finais.

1. INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: BREVE DISCUSSÃO

Todo ser humano traz consigo conhecimentos que transformaram seu modo de viver e as informações que ele adquire ao longo da vida lhes permite ler o mundo em que está inserido. Desde o momento em que nasce, o homem é exposto a convivência com pessoas que lhes transmitirão seus próprios conhecimentos e valores, sejam sua família, amigos ou mesmo outros grupos sociais que o cerca. Dentre esses conhecimentos estão aqueles proporcionados pela escola.

Nesse contexto e pelo fato de o Brasil ser um país com dimensões continentais, sentiu-se a necessidade da criação de documentos para nortear e abordar temas e conhecimentos que a educação brasileira precisa contemplar; a Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, é um desses documentos normativos que, junto a outros documentos, dará suporte para a formação do currículo educacional brasileiro. Esses documentos serão a base que promoverá os conhecimentos e saberes que a criança precisa contemplar durante a vida acadêmica, tendo, assim, o professor como mediador entre tais saberes e o aluno.

Kenski (2003), contudo, problematiza que:

Essa educação escolar, no entanto, aliada ao poder governamental, detém para si o poder de definir e organizar os conteúdos que considera socialmente válidos para que as pessoas possam exercer determinadas profissões ou alcançar maior aprofundamento em determinada área do saber. (p.18)

Dentre os saberes contemplados no currículo escolar estão aqueles relacionados às tecnologias. Embora, na maioria das vezes em que pensamos na palavra tecnologia, nossa memória nos remeta a artefatos avançados/futuristas, ao falar sobre tecnologia faz-se necessário olharmos ao passado. Kenski (2003) define tecnologia como os recursos que os seres humanos encontraram para solucionarem problemas; facilitando sua realidade de vida, criando, por sua vez, artefatos tecnológicos, que nada mais são que o resultado do que foi idealizado, projetado e executado, e modificara a forma de vermos o mundo, a forma como existimos e pensamos.

Desse modo, ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam à ideia do planejamento de uma aula por exemplo, consideramos, também, como tecnologia; mesmo quando essa aula se daria de forma presencial, pois,

segundo Kenski (2003), o próprio planejar é produzir tecnologia. No entanto, para a execução dessa aula, por sua vez, será necessária a aplicação de técnicas. Kenski (2003) explica que é o ato de fazer algo, isto é, é a utilização de um equipamento/artefato tecnológico em um determinado tipo de atividade, no caso da aula, por exemplo, a técnica estaria elucidada como a prática docente para ministrar a sua aula planejada, é a execução da aula.

A cibercultura (LÉVY, 1997) têm ampliando as formas de disseminação e acesso ao conhecimento, pois os saberes não estão mais centralizados no ambiente escolar, o professor não é mais o único detentor dos saberes, como aponta Kenski (2003):

Em relação à educação, as redes de comunicações trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. (KENSKI, 2003, p. 56-57).

Devido à crise sanitária por Sars-Cov 2/Covid-19, que, segundo Oliveira e Azevedo (2021), foi decorrente da propagação de um vírus, no final de 2019, com proporções globais, as formas de vivermos a vida social foi transformada. Houve, em todo o mundo, isolamento e distanciamento social obrigatórios e, mais precisamente no Brasil, em 20 de março de 2020, o fechamento das escolas.

Professores habituados a realidade de lecionarem de forma presencial, em sala de aula, tiveram que reorganizar seus conteúdos e atividades para lecionarem de modo remoto, utilizando de tecnologias muitas vezes inéditas. Com isso, vimos um número grande de cursos online que auxiliavam os docentes no domínio de técnicas de tecnologias digitais para exercerem suas funções docentes.

Podemos então observar o professor, nesse cenário pandêmico, como a ponte entre a educação e o aluno, fazendo o papel de mediador dos saberes e conhecimentos a serem trabalhados, mas com a contribuição da tecnologia digital.

Vale refletir que, historicamente, em alguns momentos, a discussão sobre o uso de tecnologias digitais como recurso pedagógico assombra professores resistentes a elas, muitas vezes com receio em ser substituído, mas também são bem-vindas por aqueles adeptos à ideia de inseri-las em sala de aula, pois elas já fazem parte do contexto escolar há algum tempo, por meio de laboratórios de informática, retroprojetores, televisões, vídeos cassetes, entre outros.

Foram criados diversos projetos governamentais nas últimas décadas, na tentativa de inserir as tecnologias na escola, como mencionado por Ribeiro (2020).

Existiram projetos que davam notebooks simplificados para estudantes; projetos que entregavam “laboratórios” para escolas; projetos que entregavam tablets no ato da matrícula; projetos que entregavam plataformas ou softwares para atividades remotas etc. (RIBEIRO, 2020, p. 110)

Mesmo essas tecnologias não sendo novidade para o uso pedagógico até o início da pandemia, havia dificuldade para que se pudessem utilizá-la, uma vez que era difícil o professor ter acesso a esses recursos. Até mesmo a televisão, algo relativamente simples, era um artefato disputadíssimo por alguns professores por não ter um grande número disponível nas escolas, além disso, em momentos de utilização de artefatos de uso comum entre os professores, para que eles adotassem o uso disso como prática pedagógica, muitas vezes precisavam disputar uma agenda, um espaço etc. (RIBEIRO, 2020).

Os desejosos laboratórios de informática foram motivo de assunto constantemente debatido nos anos 1990, por exemplo, quando (e se) instalados eram motivos de grandes polêmicas, como relata Ribeiro (2020):

Houve, do mesmo modo, escolas que trancaram seus computadores novos em salas fechadas e os deixaram lá, até que rapidamente ficassem obsoletos. Houve gestores (as) que amarraram tablets nas mesas de um ambiente fechado a chave; houve escolas que regulamentaram excessivamente o uso das máquinas, alegando que computadores estragados não serão consertados. (RIBEIRO, 2020, p. 111).

Nesse cenário de dificuldade, era complicado para o professor planejar uma aula e proporcionar ao aluno o acesso aos tão desejosos laboratórios de informática na escola. Quantos alunos têm oportunidade de acesso a esses tipos de tecnologia fora do ambiente escolar?

Infelizmente o acesso aos laboratórios de informática é só um exemplo de como estamos gastando esforços em barrar algo que deveria nos fazer olhar para um futuro educacional, onde a equidade fosse presente, oferecer ao aluno condições igualitárias com o objetivo de torna-lo um sujeito crítico, com possibilidade de ter uma voz ativa em seu meio social, mas ao invés disso preferimos gerar situações, regras e discursos, que pouco suprem as necessidades do aluno e do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, se antes da pandemia as tecnologias digitais fossem algo habitual na sala de aula, possivelmente a adaptação ao ensino durante a pandemia seria menos traumático para os atores escolares. É claro que consideramos as diferenças de vivências sociais no cenário pandêmico e que não seria possível prever as condições postas ao longo desse período de restrição sanitária, mas o professor, principalmente, talvez teria mais facilidade (ou menos dificuldade) ao precisar utilizar de tecnologias digitais durante o ensino remoto. No entanto, antes da pandemia, a discussão que prevalecia era a de se deveríamos usar ou não as tecnologias em sala de aula, ao passo em que deveríamos há algum tempo primar pela discussão de como utilizar as tecnologias na prática docente.

Aliado a isso, os professores enfrentaram outra dificuldade ao longo do período remoto. As aulas e o trabalho docente passaram a ser crivo de avaliação social e ter interferência de sujeitos que, até então, muitas vezes não enxergavam a educação, como pais de alunos, órgão governamentais distantes da área educacional etc. De uma hora para outra, o trabalho do professor passou a ter um crivo de qualidade e este a ser apontado como culpado pelo fracasso na falta de aprendizagem do estudante.

Não foi novidade atribuírem a má qualidade do ensino nesse período aos professores, as mídias sociais foram espaços para propagação de comentários e críticas que desvalorizavam ainda mais o professor em um período tão crítico e difícil. Quanto a isso, Ribeiro (2020) assevera que

Uma das classes que mais se lascou neste episódio, sem dúvida, foram os(as) professores(as). Não vi ninguém fazer janelão pra agradecer ainda. Já vi médico fazer teleconsulta, já vi personal trainer dar aula por vídeo, já vi músico fazer live, mas não vi apanharem tanto quanto os(as) professores. Sem mais nem menos, as escolas, em especial as privadas, obrigaram a que as aulas fossem enfiadas pela goela das infovias. Isso sem qualificação, sem tempo, sem acertos. No melhor estilo “cumpra-se”. Daí corre todo mundo para fazer vídeo ensinando sujeito composto, live ensinando Platão, quizz sobre partes da célula, joguinho pra aprender inglês etc. Não deu tempo de planejar. Não deu tempo de chorar. Não deu tempo de ensaiar as repostas à estupidez de pais/mães intolerantes, ignorantes, apressados(as). (RIBEIRO, 2020, p 113-114)

É certo que houve negligência no passado, não se investiu tempo, energia em discussões que apresentassem um caminho para sair do impasse tecnológico que a educação foi inserida, investindo pouco em capacitação aos profissionais da educação, investindo o mínimo em estrutura e fomos surpreendidos por uma situação atípica, mas bem real, como descreve Ribeiro (2020):

Há pelo menos trinta anos, especialistas em educação e tecnologias mostram a nós que é preciso integrar, que é importante aprender, que é interessante saber usar, que é preciso tempo para adaptar, que é fundamental ter infraestrutura, sim, mas que é ainda mais fundamental ter ideias, ter experiências, aprender os caminhos, ter coragem para remodelagens que demoram a acontecer. Agora... não adianta gritar, xingar, criticar. É o que temos. O que temos é do tamanho que permitimos. (RIBEIRO, 2020, p. 114)

Portanto, ao longo da pandemia, foi se atribuindo ao papel do professor, funções para a qual ele não estava preparado, sem refletir no impacto que isso teria no professor, no aluno, na própria educação. Ribeiro (2020, p. 116) diz que: “Num meme, a professora lastimava: “Saudade de ser professora... agora tenho de ser youtuber, influencer, cameraman, redatora...”. O professor foi sobrecarregado, mas ainda assim manteve-se dando aula pois precisava cumprir com o cronograma escolar.

Ainda assim, com tantas dificuldades enfrentadas pelo professor na educação, na medida do possível eles se mostraram resilientes com o que lhes foi proposto, se desdobrando no planejamento, na gravação de vídeo aulas, na edição desses vídeos, no atendimento aos pais e alunos em diversos horários (muitas vezes fora do horário de trabalho), além de precisar cuidar de si e de duas vidas pessoais.

Apresentada essa discussão do cenário de catástrofe educacional e superação das condições pelos professores, na próxima seção delinearemos uma discussão sobre como o trabalho docente foi realizado durante a pandemia.

2. EDUCAÇÃO PANDÊMICA: O CAOS?

Em 2020, expostos à crise sanitária do Sars-Cov 19 (Covid 19) as escolas enfrentaram um período de muitas incertezas e medos de modo a serem surpreendidas para enfrentar a demanda exigida naquele momento. Assim, nesse período inicial pandêmico, professores da escola pública tiveram suas férias adiantadas, tentativa de evitar os prejuízos acadêmicos causados pela pandemia, e com esperança de que essa doença fosse brevemente erradicada, mas por 2 longos anos convivemos com os medos e incertezas geradas por uma doença que até a publicação desse trabalho ainda assombra milhares de pessoas pelo mundo.

Com o passar dos dias, foram (re)pensadas e adaptadas políticas públicas sobre o modelo educacional para atender à comunidade escolar como um todo, redes públicas e privadas, conforme relata Costa e Nascimento (2020):

Com a portaria nº 343 de 17 de março de 2020, o MEC dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais no período de pandemia. O Conselho Nacional de Educação (CNE), de forma a apoiar e legalizar a utilização do ensino remoto, em 28 de abril de 2020 lançou parecer tornando favorável a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia do COVID-19. O parecer foi homologado pelo Ministério da Educação, em 29 de maio de 2020. (COSTA; NASCIMENTO 2020, p.1)

Conforme Coscarelli relatou exatamente no auge da pandemia, professores da escola privada iniciavam o ensino remoto, regulamentado pelo MEC, modelo que surpreendeu alguns profissionais, mas que se mostrou de certa forma viável à rede privada, e não tão eficaz à rede pública de ensino, devido a forma em que foi disponibilizado o ensino remoto:

As escolas públicas tinham parado. Três meses depois, o ensino remoto continua funcionando nas escolas particulares, algumas já estão até de férias, e o ensino público está tateando e tentando fazer aulas pela tv, enviando atividades para os(as) alunos(as) pelo whatsapp, por outros aplicativos ou mesmo impressas. Professores(as) estão empenhados(as) em pensar e encontrar formas de dar aulas e de estar com seus alunos virtualmente. A escola pública está se organizando para fazer ensino remoto, mas esbarra na dificuldade de acesso dos(as) alunos(as) e de alguns professores à internet. (COSCARELLI, 2020, p. 104)

Ainda que o ensino fosse realizado de modo online, ele se diferenciava da educação a distância, como afere Coscarelli (2020) ao definir o que é o ensino remoto:

Chamamos ensino remoto e não educação a distância (EaD), porque é uma ação emergencial, são cursos presenciais, que, devido aos impedimentos impostos pela fácil disseminação do coronavírus, impedem os estabelecimentos de ensino de manterem suas atividades presenciais. (COSCARELLI, 2020, p. 15)

Assim sendo, muitos professores e alunos não estavam preparados para o cenário apresentado e retratado na citação anterior por Coscarelli. No retorno das férias daqueles que as tiveram, professores buscavam soluções de como ministrarem suas aulas, ajustando suas práxis para a nova modalidade de ensino. No entanto alguns alunos e professores não tinham conhecimento técnico e nem acesso a recursos tecnológicos para realizarem suas atividades escolares, tais como: aparelhos digitais compatíveis com a necessidade, pacotes de dados de internet, falta de domínio técnico de tecnologias digitais, ambiente adequado para estudo.

Nesse contexto, podemos considerar que os problemas mencionados seriam alguns daqueles que evidenciaram ainda mais a desigualdade social vivida no Brasil, como aponta a pesquisa mencionada por Costa e Nascimento (2020):

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) que investigou, no quarto trimestre de 2018, o acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) aponta que o número de domicílios com acesso à internet subiu de 74,9% em 2017, para 79,1%, em 2018 – na área urbana, o percentual cresceu de 80,2% para 83,8%, e na rural, saltou de 41% para 49,2%. De acordo com a pesquisa ainda, há 14,9 milhões de domicílios sem acesso à internet. Os principais motivos foram a falta de interesse (34,7%), serviço caro (25,4%) e nenhum morador sabe usar (24,3%). (COSTA; NASCIMENTO, 2020, p. 3)

Essa forma de ensino foi necessária para que os alunos continuassem a cumprir o calendário escolar, com o mínimo de prejuízo possível, ainda mais com a situação instaurada. Era uma situação inimaginável que requeria uma solução imediata, que de fato teve uma resposta, ainda que não fosse a ideal, conforme discorre Coscarelli (2020).

O ensino remoto precisou ser feito sem planejamento prévio, sem um ambiente virtual de aprendizagem escolhido com cautela, sem que os professores tivessem tempo de se preparar, de produzir e selecionar materiais e estratégias de ensino adequadas para atividades online. E sem que os(as) alunos(as) estivessem previamente de acordo com o desenvolvimento de atividades em outros ambientes que não fossem a

escola e estivessem bem preparados para isso (o que não é trivial nem simples). (COSCARELLI, 2020, p. 15).

Mesmo assim, com inúmeros desafios, professores desdobravam-se para disponibilizar aos alunos materiais de aprendizagem. Ao longo do período remoto, em diversos momentos, professores tiveram que enfrentar outros embates, como o aumento da sua carga horária de trabalho, a falta de estrutura tecnológica, falta de ambiente adequado para trabalhar, aprender a utilizar novos recursos digitais, dentre outros. Fatores como esses desgastavam ainda mais os docentes, como descreve Costa e Nascimento (2020).

o trabalho o ensino remoto provoca uma exaustão profissional. O trabalho do professor vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para planejar ações, alimentar plataformas on-line, realizar webconferências, responder às perguntas e tirar dúvidas por whatsapp, corrigir atividades e avaliar os alunos a partir desse novo molde de ensino. LOCKMANN, SARAIVA E TRAVERSINI (apud COSTA; NASCIMENTO, 2020, p.4).

Desse modo, não consideramos o ensino remoto como a solução para todos os problemas, pois sem a já citada capacitação e acesso necessário às redes, por parte de alguns professores, já que tanto a aula remota quanto as aulas gravadas necessitavam de um recurso não disponível a todos. A internet, que deixou clara sua necessidade de acesso por parte de todos, mas que pela desigualdade social neste vasto país, como por exemplo o norte e nordeste, ou até mesmo em periferias de grandes cidades, onde alguns professores são excluídos digitais, deixava de fora uma parcela considerável de professores e alunos, que não tinham acesso a tais recurso, isso colocou novamente esses profissionais em uma situação de repensar como fazer para chegar aos alunos um direito a que eles têm?

Com os recursos e conhecimento sobre tecnologias digitais limitados, pois tudo estava acontecendo em uma velocidade considerável, o professor teve muitos desafios, como, por exemplo, dificuldades em apresentar ao aluno conteúdos relevantes nas condições em que estavam. Esse foi um grande desafio como relata Buzzen (2020)

Um dos maiores desafios era justamente, em pouco tempo, conseguir perceber de que forma cada escola e alguns profissionais poderiam estabelecer uma pedagogia dos vínculos para além de uma discussão centrada em conteúdos, dias letivos e disciplinas escolares. (BUZZEN, 2020, p. 23).

Mesmo com toda adversidade, os professores elaboraram aulas gravadas com seus equipamentos pessoais e disponibilizavam em plataformas digitais, canais de televisão ou qualquer repositório em que os estudantes pudessem ter acesso, na tentativa de fazer chegar até o aluno o conteúdo que lhe trouxesse algum tipo de conhecimento.

Apesar de tantas dificuldades, vejo que as aulas remotas trouxeram aos pais e alunos uma grande oportunidade de trazer para o convívio familiar assuntos relacionados à educação desses estudantes, que em alguns casos deixavam a responsabilidade exclusiva a cargo da escola.

Professores, pais e alunos precisaram aprender a se comunicar, a trabalhar juntos e solucionar problemas remotamente. O que funcionou para uma parcela da comunidade acadêmica, como descreve Costa e Nascimento (2020).

Com a pandemia, o laço entre famílias e escola é estreitado e a importância dessa parceria se torna mais visível. Cordeiro (2020) afirma que o interessante é que muitas famílias estão acompanhando os filhos, neste momento de pandemia, tendo nas mãos a possibilidade de compreender a importância do seu papel na educação destes, e ainda de valorizar o professor que não mede esforços para que as crianças sejam motivadas a não desistirem dos estudos, apesar de todas as dificuldades. (COSTA; NASCIMENTO, 2020, p.4).

Mas o que fazer com alunos que não tinham acesso ao ensino remoto? Surge então os blocos impressos, uma solução prática, mas não ideal para o problema instaurado, já que o ideal seria disponibilizar o acesso aos conteúdos online a todos os estudantes, como discorre Buzzen (2020).

Percebi escolas e redes utilizando materiais impressos diversos, programas radiofônicos e televisivos, assim como interações pelo celular em grupos de mensagem com os(as) estudantes, mas principalmente com as redes familiares. Tal diversidade revela também uma grande desigualdade econômica, pois nem todos(as) os(as) envolvidos(as) no sistema educativo têm acesso à internet de qualidade e a instrumentos adequados. (BUZZEN, 2020, p. 24)

A utilização do material impresso foi mais uma forma de o professor e a escola oportunizarem o mínimo de acesso ao ensino àqueles estudantes que não tinham acesso à internet, por exemplo. Como apontado por Buzzen (2022), a pandemia e o ensino remoto revelaram ainda mais a fissura social que temos no país, principalmente quando afunilamos a discussão para o campo educacional.

Como diz Ribeiro (2020), o que fizemos foi do tamanho daquilo que nos era possível.

Apresentada essa discussão sobre o “caos” ao longo da pandemia, é importante entender o que pensam os envolvidos diretamente nesse processo de ensino remoto, como os professores. Desse modo, na próxima seção, apresentamos os discursos docentes sobre seus respectivos trabalhos ao longo da pandemia.

3. O QUE DIZEM OS PROFESSORES?

Até aqui, fizemos uma discussão teórica e uma contextualização de como foi o ensino durante a pandemia; agora, vamos apresentar relatos de professores sobre suas experiências de trabalho nesse período, a fim de materializar e discutir o papel do professor nesse processo.

Para facilitar a leitura, os dados da pesquisa foram gerados por meio *site* <https://www.desafiosdaeducacao.grupoa.com.br>. Foram selecionados 5 relatos presente no texto “O que dizem os que ensinam”, publicado em maio de 2020, período de adaptação dos docentes ao ensino remoto. Para identificar os dados ao longo da análise, optamos por nomear os docentes com nomes fictícios. Na tabela a seguir, elucidamos como os dados estão organizados/identificados ao longo da análise.

Tabela 1 – Organização dos dados da pesquisa

Relato	Nome fictício	Título do texto e <i>link</i> de acesso
1	Marta	“O que dizem os que ensinam” Disponível em: https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/depoimentos-sobre-escola-em-casa/ . Acesso em: 19/05/2022, às 13h43.
2	Sandra	
3	Analua	
4	Mateus	
5	Geraldo	

Fonte: os autores (2022)

A partir de agora, apresentamos a análise com as recorrências encontradas nos relatos dos/das professores. A primeira recorrência encontrada nos relatos dos professores diz respeito à **dificuldade quanto ao domínio técnico de tecnologias digitais**.

Marta: Fomos colocados em uma plataforma online que muitos não conheciam, sem mencionar a dificuldade de muitos colegas em lidar com a tecnologia. ”

Mateus: Começamos a correr para descobrir como ensinar a distância, sem nunca ter aprendido. Foi tropeço em cima de tropeço.

Podemos perceber que um dos maiores desafios enfrentados pelos docentes era em como dar aula sem estar no ambiente escolar físico, pois, aparentemente, os professores não tinham domínio técnico dos recursos necessários para a realização

do ensino remoto, tal como: aplicativos e recursos digitais específicos para gravarem aulas. Isso está atrelado à **nova realidade** vivenciada por professores da rede pública e privada, que precisaram trazer a escola para casa, algo impensado até pouco tempo. Essa nova realidade foi uma surpresa para os professores, como é materializado por Mateus e Geraldo em seus relatos:

Mateus: Tudo foi uma grande surpresa. De repente a escola fechada e tínhamos que transformar a casa em escola, sem nenhum apoio, algo inimaginável e muito desgastante.

Geraldo: Esgotados pois seu ambiente de trabalho invadiu seus lares e o professor viu seu trabalho se misturando com tarefas de casa, com afazeres e manutenção de seus lares e família.

Quanto a esses relatos, podemos relacionar à discussão proposta por Coscarelli (2020), em que a autora expõe os diferentes cenários enfrentados por professores das instituições privadas e públicas:

Três meses depois, o ensino remoto continua funcionando nas escolas particulares, algumas já estão até de férias, e o ensino público está tateando e tentando fazer aulas pela tv, enviando atividades para os(as) alunos(as) pelo Whatsapp, por outros aplicativos ou mesmo impressas. Professores(as) estão empenhados(as) em pensar e encontrar formas de dar aulas e de estar com seus alunos virtualmente. A escola pública está se organizando para fazer ensino remoto, mas esbarra na dificuldade de acesso dos(as) alunos(as) e de alguns professores à internet. (COSCARELLI, 2020, p. 104)

Essa desigualdade exposta por Coscarelli (2020) está presente também nos relatos de Marta e Analua:

Marta: existem alunos super conectados que já esboçam o desejo de se tornarem “youtubers” e outros que buscam o auxílio da prefeitura para garantir a merenda em casa [...] essa realidade tornou-se explícita na rede pública de ensino, principalmente nas periferias onde famílias buscavam o básico, alimentação, enquanto outros alunos com um pouco mais de recursos, tentavam avançar com a nova realidade imposta e alunos que buscam o auxílio da prefeitura para garantir a merenda em casa.

Analua: as crianças não têm acesso a uma boa qualidade de vida e estão distantes da escola. Excesso de atividades deixa estudantes e professores esgotados,

por exemplo. Diretores descobrem que muitos alunos não comem se a escola não abre.

Esses relatos nos possibilitam refletir que a desigualdade social é algo muito presente na educação básica, principalmente nas escolas públicas. Como estagiária, pude¹ presenciar, ao longo da minha experiência, crianças que chegavam na escola com fome, por não ter se alimentado em casa, além disso, é comum percebermos famílias que, por falta de planejamento familiar, assistência do poder público e falta de oportunidades sociais, se encontram em condições mínimas de sobrevivência, como precariedade na alimentação, por exemplo. Desse modo, durante o período da pandemia, foi muito comum famílias buscarem na escola a merenda escolar, refletindo na desigualdade social descrita por Buzzen (2020):

Percebi escolas e redes utilizando materiais impressos diversos, programas radiofônicos e televisivos, assim como interações pelo celular em grupos de mensagem com os(as) estudantes, mas principalmente com as redes familiares. Tal diversidade revela também uma grande desigualdade econômica, pois nem todos(as) os(as) envolvidos(as) no sistema educativo têm acesso à internet de qualidade e a instrumentos adequados. (p. 24)

Outro ponto recorrente percebido nos relatos está na dificuldade em trazer para o ensino remoto atividades que envolvem rotina, disciplina e o contato direto com os alunos. Isso é percebido nos relatos da professora Analua e do professor Geraldo.

Analua: Realizar as atividades da escola em casa é um grande desafio na educação básica. [...] É uma situação tensa, pois o meu trabalho diário envolve rodas de conversa, momentos de contar histórias e cantar músicas, atividades de artes, ciências, jogos e brincadeiras presencialmente.

Geraldo: Um problema é a sistematização do trabalho remoto.

É importante salientar que, em sala de aula física, o professor tem uma possibilidade didática maior do ambiente que está lecionando. Dessa forma, consegue perceber que alguns estudantes precisam desenvolver uma certa rotina, gerando um vínculo com o aluno, percebendo o ambiente, o estado emocional da

¹ Neste relato, utilizo a primeira pessoa do singular por ser uma descrição pessoal da pesquisadora/graduanda.

criança, as reações e os estímulos necessários para o andamento da aula. Contudo, esse contato entre professor e aluno ficou limitado na pandemia, pois muitas vezes os estudantes não abriam seus microfones e câmeras, por exemplo. O vínculo afetivo foi sendo ressignificado e modificado à medida que o novo processo pedagógico foi sendo compreendido, ou, como percebido nos relatos: sistematizado.

Outra percepção recorrente nos relatos dos professores diz respeito a eles conseguirem conciliarem toda a sua rotina pessoal com os deveres pedagógicos, gerando, por exemplo, esgotamento emocional:

Geraldo: o emocional e a ansiedade que tomam conta da mente. [...] Esgotados com os afazeres, que já não eram poucos e agora aumentava de forma considerável; esgotados com a falta de recursos e capacitação por parte de algumas instituições, e até mesmo do poder público, para oferecer ao aluno uma educação planejada para o momento vivido.

Sandra: Realmente ao professor e à educação esse foi sem dúvida um dos períodos mais assustadores, onde o professor enquanto profissional precisou exercer várias atividades extracurriculares para exercer sua profissão, o desgastando em física e mentalmente”.

Esse esgotamento está atrelado, principalmente, à alta demanda de tarefas exercidas ao longo do período remoto. Como bem exemplifica Ribeiro (2020, p. 116): “Num meme, a professora lastimava: “Saudade de ser professora... agora tenho de ser youtuber, influencer, cameraman, redatora...”.

A sobrecarga de trabalho, e as várias atividades exercidas pelo professor também foi descrita por Costa e Nascimento (20020).

o trabalho no ensino remoto provoca uma exaustão profissional. O trabalho do professor vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para planejar ações, alimentar plataformas on-line, realizar webconferências, responder às perguntas e tirar dúvidas por whatsApp, corrigir atividades e avaliar os alunos a partir desse novo molde de ensino. LOCKMANN, SARAIVA E TRAVERSINI (apud COSTA; NASCIMENTO, 2020, p. 4).

Além disso, o isolamento social instalado devido à pandemia trouxe ao professor uma exposição até então sem precedentes. Há de se considerar, por exemplo, o espaço em que se clivava as ações docentes. Enquanto seus lares eram até então espaços de conforto e descanso, ainda que, historicamente, professores trabalhassem em casa antes da pandemia preparando suas aulas, corrigindo tarefas etc., a nova forma de atuação com aulas remotas expunha sua

privacidade/intimidade. De repente, as paredes de casa, as estantes de livros, os quartos etc. passaram a ser cenários de aulas ao vivo, *lives* e interações com os estudantes.

Por fim, os relatos dos professores nos materializam a dificuldade docente e os problemas educacionais, em geral, enfrentados ao longo da pandemia, tal como o acesso e domínio a/de tecnologias digitais. Esse cenário catastrófico foi exemplificado pela presente pesquisadora ao conhecer colegas precisaram lidar com a internet “caindo” durante as aulas; professores contratados pacotes de internet maiores do que os que já tinham para conseguir lecionar; comprando equipamentos com dinheiro do próprio bolso, sem suporte das instituições; tentando auxiliar os alunos sem acesso ao conteúdo, buscando outras formas de suprir essa necessidade.

Finalizamos aqui a apresentação dos relatos dos professores. A seguir, tecemos algumas conclusões finais sobre a pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento dos relatos trazidos no terceiro capítulo, quando as escolas ficaram fechadas por conta da pandemia por SARS-COV-19, até a finalização desta pesquisa somaram-se a 2 anos. Nesse período, os professores foram expostos a uma rotina diferente da que se tinha até então, (re) formulando e (re) adequando as formas de lecionarem.

A pesquisa nos permite pensar em como a discussão sobre tecnologias digitais na escola não é nova. Como apresentado no primeiro capítulo, há muito tempo se discute sobre a resistência em trazer tecnologias digitais para as práticas docentes, enquanto uma parcela da sociedade resistia a ela. Com a pandemia, talvez essa discussão tenha ficado no passado, devido às diversas possibilidades encontradas para que o ensino continuasse. Teríamos, agora, uma evolução nessa discussão? A escola, a partir de agora, vai aderir a essas tecnologias sem a resistência de antes?

Além disso, compreender como o trabalho docente foi realizado ao longo da pandemia nos mostra, por meio dos relatos apresentados, como a sucateização do trabalho realizado pelo professor é, historicamente, naturalizado. A pandemia trouxe exaustão física e emocional, reflexões quanto às aulas ministradas, sentimento de abandono e pré-julgamento social, mas, acima de tudo, a força que o professor tem em conseguir se reconstruir a todo tempo.

Sugerimos, então, a partir dessa pesquisa embrionária, que a discussão acerca da identidade e do trabalho docente seja aprofundada em novas pesquisas, tomando como base o percurso pandêmico.

REFERÊNCIAS

ATIÉ, Lourdes. Prática docente: 30 depoimentos sobre como a escola foi recebida em casa. **Desafios da educação**. 2020. Acesso em: 23/05/2022. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/depoimentos-sobre-escola-em-casa/>

RIBEIRO, Ana Elisa, VECCHIO, Pollyanna de Mattos. Tecnologias digitais e escolas, *In*: BUZZEN, Clecio. **O ensino de língua materna em tempo de pandemia**. In: RIBEIRO, Ana Elisa, VECCHIO, Pollyanna de Mattos. Tecnologias digitais e escolas. 1 ed. São Paulo, 2020. P 21-31. Acesso em: 24/02/2022. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/Ana%20Elisa%20Ribeiro%20-%20Tecnologias_digitais_e_escola%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/Ana%20Elisa%20Ribeiro%20-%20Tecnologias_digitais_e_escola%20(3).pdf)

CALADO, s.dos s; ferreira, s.c dos r. **Análise de documentos: Método de recolha e análise de dados**. Acesso em: 30/02/2022. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/5508/2/2019%20%20Severina%20Ramos%20Tel%C3%A9cio%20de%20Souza.pdf>

COSTA, Antonia Erica Rodrigues;, NASCIMENTO, Antonio Wesley Rodrigues. **CONEDU VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil,2020. Acesso em 09/05/2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_S A19_ID6370_30092020005800.pdf

KENSKI, VANI MOREIRA. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Papyrus, 2003. Acesso em: 19/03/2022. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20tecnologias%20-%20O%20novo%20ritmo%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20by%20Vani%20Moreira%20Kenski%20\(z-lib.org\).epub%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20tecnologias%20-%20O%20novo%20ritmo%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20by%20Vani%20Moreira%20Kenski%20(z-lib.org).epub%20(3).pdf)

RIBEIRO, Ana Elisa, VECCHIO, Pollyanna de Mattos. Tecnologias digitais e escolas, *In*: COSCARELLI, Carla Viana. **Ideias para pensar o fim da escola**. 1 ed. São Paulo, 2020. P 104 -111. Acesso em: 22/03/2022. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/Ana%20Elisa%20Ribeiro%20-%20Tecnologias_digitais_e_escola%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/Ana%20Elisa%20Ribeiro%20-%20Tecnologias_digitais_e_escola%20(3).pdf)

RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de Mattos. **Tecnologias digitais e escolas**, 2020. Acesso em: 28/02/2022. Disponível em: [file:///c:/users/ana%20patricia/downloads/ana%20elisa%20ribeiro%20-%20tecnologias_digitais_e_escola%20\(3\).pdf](file:///c:/users/ana%20patricia/downloads/ana%20elisa%20ribeiro%20-%20tecnologias_digitais_e_escola%20(3).pdf)

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. **Ideias para pensar o fim da escola**, 2020. Acesso em: 25/03/2022. Disponível em: [file:///c:/users/ana%20patricia/downloads/ana%20elisa%20ribeiro%20-%20tecnologias_digitais_e_escola%20\(3\).pdf](file:///c:/users/ana%20patricia/downloads/ana%20elisa%20ribeiro%20-%20tecnologias_digitais_e_escola%20(3).pdf)

VENANCIO SOUSA, SOUZA, Luis Gabriel. Venancio. **A curadoria na formação inicial do professor de língua portuguesa: uma análise dialógica**, 2021. Acesso em: 02/03/2022. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/curadoriaformacaoinicialprofessor%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Patricia/Downloads/curadoriaformacaoinicialprofessor%20(2).pdf)